ENTRE A FOME E O ÊXODO EM MASSA: A SECA DE 1877, CONTROLE DOS CORPOS E A RECONFIGURAÇÃO SOCIAL CEARENSE

Francisco Isaque Bezerra de Souza, Iguatu-CE, Brasil[1], Giseli dos Santos Alves da Silva[2]. Fernando Martins de Paiva[3].

[1]**Universidade Estadual do Ceará, FECLI, e-mail: isaque.souza@aluno.uece.br**

[2]Universidade Estadual do Ceará, FECLI, e-mail: giseli.santos@aluno.uece.br

[3]Universidade Estadual do Ceará, FECLI, e-mail: fernando.martins@uece.br

Resumo: O artigo analisa a seca de 1877-1879 no Ceará como um marco de inflexão histórica, não apenas por sua intensidade, mas sobretudo por suas consequências políticas e sociais. Conforme aponta Frederico de Castro Neves (1995; 2000; 2005), o período distinguiu-se pelas transformações institucionais e pelo modo como o Estado passou a intervir diante da crise humanitária. Para Souza (2025), a estiagem desencadeou um intenso fluxo migratório do sertão para Fortaleza, reconfigurando a dinâmica demográfica e urbana da capital. A partir das experiências pessoais do escritor Rodolfo Teófilo (1922), analisamos esse período de seca e os impactos desse fenômeno sobre a capital do Ceará. Diante dessa transformação social, o artigo busca examinar as ferramentas biopolíticas utilizadas pelo governo com o intuito de controlar a população flagelada. Para isso, mobilizamos o conceito de biopolítica formulado por Foucault (1999). Por fim, evidencia-se a utilização dos abarracamentos como dispositivos de controle social, com o objetivo de manter a capital livre da presença dos flagelados.

Palavras-chave: Seca. 1887. Flagelados. Abarracamentos. Controle social.

Introdução

O presente estudo surge do desejo de compreender a seca de 1877-1879 para além do seu caráter estritamente climático, observando esse fenômeno sob a ótica social e política que influenciou profundamente as dinâmicas de poder no Ceará oitocentista. Embora a estiagem tenha sido desencadeada por fatores naturais, seus efeitos foram substancialmente influenciados pelas estruturas de governo excludentes. Nesse sentido, a seca não pode ser compreendida apenas como uma questão ambiental, mas como um ponto de inflexão no cenário geográfico, modificando o sertão e a capital cearense.

A seca de 1877 representou um marco na história do Ceará. Embora haja muitos pesquisadores que se debruçam sobre essa temática, com destaque para as contribuições de Frederico de Castro Neves, que evidenciam as repercussões políticas e urbanas, ainda se faz necessário avançar nos estudos com o objetivo de ampliar as perspectivas de análise sobre o tema. Conhecer a história do Ceará é, antes de tudo, compreender os processos históricos que se relacionam com a natureza, política e sociedade. O farmacêutico e escritor Rodolfo Teófilo, por sua vez, amplia essa compreensão ao abordar, a partir das suas experiências e escritos acerca das dimensões sanitárias e epidemiológicas ocasionadas pela da seca de 1877.

A presente pesquisa possui caráter histórico e adota uma abordagem qualitativa, fundamentando-se em revisão bibliográfica e investigação documental. O estudo apoia-se na historiografia cearense sobre a seca de 1877-1879, em especial nas contribuições de Frederico de Castro Neves (1995; 2000; 2005), bem como no conceito de biopolítica postulado por Foucault (1999).

Além disso, analisam-se periódicos do século XIX, como *O Retirante* (1877) e *O Besouro* (1878), bem como a obra *Historia da Secca do Ceará (1877-1880),* de Rodolfo Teófilo. Essas fontes são examinadas a partir de leitura crítica, observando os discursos produzidos e as representações da seca. Busca-se compreender, a partir dessas fontes, como tais narrativas serviram como articuladores da denúncia, sensibilização e posicionamento político. Desse modo, o presente estudo não privilegia apenas o caráter informativo dos textos, mas também as representações simbólicas e seus efeitos.

O estudo tem por objetivo analisar a seca de 1877-1879 no Ceará como fenômeno social e estruturante das reconfigurações sociais, econômicas e políticas, investigando as ferramentas de controle social implementadas pelo Estado diante do fluxo migratório intenso de retirantes para Fortaleza. Como os abarracamentos foram utilizados como mecanismo desse controle e como o Estado falhou na assistência ao sertanejo mais necessitado.

No segundo tópico, realiza-se a análise dos mecanismos de controle social implementados pelo governo, destacando a ampla difusão dos abarracamentos como estratégia com a finalidade de delimitar os espaços pelos quais os flagelados poderiam circular. Funcionando sob a lógica da contenção e ordenamento, esses espaços configuram-se também como locais de intensa vulnerabilidade sanitária. Foram constatadas que nessas áreas foram palcos de diversas proliferações de doenças como a varíola, que, em curto período de tempo, vitimou milhares de sertanejos, evidenciando o descaso do governo em oferecer políticas públicas eficazes para conter o avanço das doenças e os efeitos da seca.

Entre o sertão e a capital: a seca de 1877 e as transformações demográficas no Ceará

Em termos de duração, número de mortos e intensidade, o período de seca de 1877 a 1879 não se distingue, em substância, de outros momentos de calamidades ocorridos no Nordeste brasileiro. Entretanto, o historiador Frederico de Castro Neves (2000) aponta que esse período de estiagem se distingue das demais essencialmente pelas consequências políticas que provocou. Para Souza (2025, p. 54), esse momento histórico pode ser compreendido como aquele que, "ultrapassando as barreiras das adversidades naturais e adentrando o poder constituído, revelou o fracasso das instituições e a ineficácia do Estado a responder de maneira efetiva à crise humanitária".

A seca que perdurou de 1877 a 1879 no Ceará representou um ponto de inflexão na história do estado, que enfrentou uma das mais significativas calamidades da sua história. A partir desse cenário, os sertanejos oriundos do interior do Ceará passaram a procurar novos espaços na tentativa de aplacar a fome que se alastrava pelo estado. Sobre esse processo migratório, Frederico de Castro Neves (1995, p. 95) expõe que:

> Esta migração periódica, a partir da segunda metade do século XIX, transformou-se num grande problema social a ser enfrentado por governantes, burgueses, intelectuais e técnicos, sendo objeto da construção de um sem-n´mero de saberes e práticas que objetivavam evitá-la, impedi-la ou neutralizar seus efeitos. (Neves, 1995, p. 95).

Dessa forma, o período de seca não se restringiu às dificuldades imediatas enfrentadas pelo sertanejo pobre, tradicionalmente associado à escassez e à vulnerabilidade extrema. A crise climática significava uma ruptura no modo de vida no Ceará oitocentista, afetando tanto indivíduos do interior, inclusive aqueles que, em períodos de chuvas regulares, dispunham de acesso à água, terras e meios de subsistência, quanto a população citadina. Mesmo a população urbana, inserida em uma dinâmica considerada mais "moderna" e com maior acesso a recursos e serviços, sentia as mazelas da seca, seja pelo aumento do fluxo populacional causado pelo êxodo do sertanejo pobre do interior, seja pela pressão sobre o abastecimento, o trabalho e as políticas de assistência.

Sobre o estado físico em que chegou os retirantes a capital do estado, o periódico *O Retirante* (1877, n. 2, p. 1) publicou que:

> [1]Coitados, trazem nos tropegos e avidos passos, na pendida e amarellecida fronte, no incerto e desvairado olhar, nas rôlas veste, que lhes cingem o corpo, na face deprimida e livida–o verdadeiro cunho da miseria e da fome.

[1] Optou-se por manter a grafia original dos periódicos citados, respeitando a ortografia em uso no período de sua publicação. Essa decisão metodológica busca preservar a historicidade das fontes e evitar anacronismos, considerando que a modernização ortográfica poderia interferir na compreensão dos sentidos, dos usos linguísticos e das estratégias discursivas próprias do contexto histórico analisado.

> Vacilam e fraqueja por toda a parte os nossos desalentados, desprotegidos e macerados irmãos, sobre a terra firme [...]. (*O Retirante*, 1877, n. 2, p. 1).

Por conta da pouca estrutura de que dispunha para atender, com eficiência, tamanha multidão, a capital, em pouco tempo, viu-se cercada por uma aglomeração de famintos. A situação era desalentadora: além dos retirantes que saíram do interior do Ceará, outros também enfrentaram longas caminhadas desde os sertões de Pernambuco, da Paraíba e do Rio Grande do Norte até a cidade de Fortaleza. A partir desse contexto, o fenômeno da seca deixou de ser uma questão climática e passou a assumir um caráter social. (Bezerra, 2021).

Em sua obra *Historia da Secca do Ceará 1877 a 1880,* publicado em 1883, Rodolfo Teófilo apresenta um relato testemunhal dos acontecimentos que marcaram o triênio da grande seca. A partir da sua experiência ocular, o autor descreve o fluxo migratório contínuo de retirantes que adentravam à capital em condições de extremas miséria ao afirmar que "raro era o dia em que não entrasse, do centro, de tresentas a quinhentas pessoas, e em que estado vinham esses infelizes! [...]". (Teófilo, 1922, p. 131).

Com o objetivo de denunciar, em âmbito nacional, as mazelas sofridas pelo povo sertanejo durante a seca de 1877, foram realizadas, em Fortaleza, fotografias pelo fotógrafo Joaquim Antônio Correia, posteriormente entregues a José do Patrocínio, importante abolicionista e jornalista brasileiro, para publicação no jornal carioca *O Besouro folha illustrada, humoristica e satyrica.* A figura 1 mostra duas fotografias publicadas pelo referido periódico, em 20 de julho de 1878, sob o título *paginas tristes. Scenas e aspectos do Ceará (Para S. Magestade, o Sr. Governo e os SRS. Fornecedores verem)*:

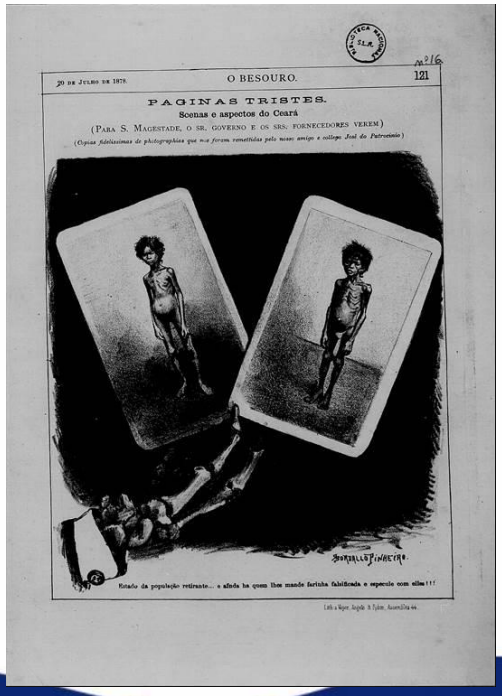


Figura 1
Fonte: Biblioteca Nacional

Em *A Multidão e a História* (2000, p. 49-50), Frederico de Castro Neves descreve como a chegada dos retirantes à capital reconfigurou o cenário urbano. A partir dessa transformação, a população citadina, especialmente os setores burgueses, passou a mobilizar determinados mecanismos de controle sobre a massa sertaneja considerada indesejada. Nesse contexto, a seca, além de um problema social e climático, se tornou uma questão política. Nesse contexto, a seca, além de fenômeno climático e problema social, tornou-se uma questão política. Assim, a relação entre campo e cidade adquiriu novas configurações: de um lado, aqueles que buscavam sobreviver aos longos períodos de fome; de outro, o citadino que via seu modo de vida moderno e urbano ameaçado pela presença dos flagelados.

Em 1877, o escritor Rodolfo Teófilo (1853-1932) relatou, em seu livro *Historia da Secca do Ceará (1877 a 1880)*, publicado originalmente em 1883, os primeiros retirantes ao chegar à capital cearense:

> A 14, chegou á Fortaleza, vinda de Uruburetama, a primeira caravana de retirantes, composta de 35 pessoas que se aboletar no morro do Croatá. Vinham no mais completo estado de miseria. Paes e filhos tinham sobre o corpo immundos trapos macilentos, descarnados, pareciam mumias de pé. (Teófilo, 1922, p. 84).

Ao descrever a primeira caravana de retirantes à capital, Rodolfo Teófilo revela um cenário devastador. Para além da fome enfrentada pelo sertanejo pobre, outros elementos se somaram-se a esse cenário, causando ainda mais sofrimento. Na seção seguinte, analisaremos o mecanismo de controle social criado pelo governo para conter a massa populacional que, a cada dia, só aumentava.

Abarracamentos como dispositivos biopolíticos: doenças, controle e gestão da vida

O sistema biopolítico implementado no Ceará está diretamente relacionado às questões climáticas e cíclicas ocasionadas pela seca. Ao longo dos registros históricos, o estado cearense enfrentou diversas estiagens: 1745, 1777, 1793 e 1816. Desde 1877, revela-se uma política de controle populacional, configurando os fluxos migratórios e estabelecendo, institucionalmente, parâmetros de organização da saúde pública, da assistência social, do controle policial e da estruturação familiar, dentre outros. (Monzón Montebello; Silva, 2018).

Em 1877, estabelece-se a seca; com isso, os sertanejos, diante da escassez da caridade privada, transformam-se em multidões, ocupando estradas que ligavam os sertões à capital. Os socorros públicos, que vinham desempenhando papel necessário, precisaram "desenvolver saberes e técnicas, táticas e expedientes (distribuição de alimentos, campos de concentração,

frentes de trabalho etc), para controlar os invasores que provocavam medo e repulsa nos fortalezenses aspirantes à civilização". (Barbalho, 2005, p. 141).

A cada seca, o processo migratório intensificava-se, levando milhares de retirantes à capital. Diante desse cenário, o governo via-se confrontado com possibilidades díspares para lidar com essa população. Ao mesmo tempo, a capital cearense experimentava os primeiros sinais de progresso urbano e cultural. Essa mudança social representava uma ascensão econômica, uma modernização que não tinha espaço para seca, fome e flagelados. Progresso que "coisifica" o flagelado, tornando-o perigoso, apto ao isolamento e a ser neutralizado em outros espaços fora da modernização pretendida, que se queria civilizada, como nos abarracamentos. (Monzón Montebello; Silva, 2018).

Dessa maneira, trata-se de problematizar os investimentos biopolíticos na reformulação de políticas implementadas pelo Estado no contexto da modernização, especialmente no que se refere ao governo dos corpos, isto é, coordenando, a cada estiagem, a população. Busca-se analisar como esses dispositivos biopolíticos se organizaram a partir da seca na história do governo imperial cearense, estruturando práticas de vigilância e assistência social. Nesse sentido, além de um fenômeno climático, a seca funcionou como elemento catalisador das estratégias governamentais de controle e gestão da vida das populações consideradas indesejadas.

O triênio da seca que se alastrou de 1877 a 1879 no Nordeste brasileiro deu lugar a intensos movimentos migratórios, causados pela fome e pela morte. Nesse cenário, os retirantes carregavam de seu desconhecido sertão um sem-número de misérias, desesperos que invadiam cada rua e cidade rumo a Fortaleza. Nesse período, a capital cearense mobilizou-se para o embelezamento, na tentativa de acompanhar as tendências de estilo e cultura europeia: *belle époque*[2], uma modernidade composta de progresso urbano-industrial. A presença de retirantes nesses espaços modernos distorcia o ideal de modernidade pretendido. Mais de 110 mil retirantes chegaram a Fortaleza, que, nesse período, tinha uma população que rodeava os 25 mil habitantes. Tudo caminhava para "uma das desordens urbanas e sociais mais graves que Fortaleza já experimentou". (Neves, 2005, p. 114).

Em *A Historia da Secca do Ceará (1877 a 1880)*, publicada originalmente em 1883, Rodolfo Teófilo relata que, a princípio, não houve critério de escolha com relação às

[2] O termo *Belle Époque*, de origem francesa, designa o período de otimismo e modernização vivido na Europa entre o final do século XIX e o início do XX; em Fortaleza, essa noção foi apropriada para caracterizar as reformas urbanas e os discursos de progresso do mesmo período, apesar das profundas desigualdades sociais acentuadas pela seca de 1877–1879.

localidades nas quais seriam construídos os alojamentos para os retirantes. Sem planejamento, os "abarracamentos, encontravam-se os tristes despojos da calamidade! Inúmeros infelizes deformados pela peste; muitos cobertos de ulceras atonicas; quasi todos com os rostos afeiados pelas cicatrizes das bexigas". (Teófilo, 1883, p. 284).

Ao fragilizar a vida do sertão nordestino, a seca atingiu novas proporções sociais e políticas. Do sertão ao litoral, especialmente a Fortaleza, o fenômeno reconfigurou modos de vida que se encontravam em processo de ascensão. Elites e intelectuais viviam em uma cidade que se pretendia próspera e progressista, orientada por parâmetros civilizatórios que buscavam na influência parisiense seu ideal estético e cultural. No ápice dessa efervescência de futuro, o sertão, historicamente marginalizado, ultrapassava as barreiras do espaço urbano, expondo as contradições sociais que existiam entre o sertão e a cidade.

Essa tendência de modernização espalhou-se rapidamente por toda a Europa. "Um modelo de razão científica que inscrevia nos corpos dos modernos os sinais dos primeiros investimentos políticos do poder sobre a vida". (Monzón Montebello; Silva, 2018, p. 64). Em sua análise sobre a medicina social, Foucault (2000, p. 48) investiga os contornos políticos entrelaçados ao corpo moderno, ao nível institucional, em períodos biopolíticos que se prolongam em desdobramentos até o presente. Para o escritor, esse "controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política".

A partir da seca de 1877, foram construídos os abarracamentos, que limitavam um espaço de confinamento desses flagelados que invadiam a cidade fortalezense. Além da precariedade desses espaços, um potencializador das mazelas sociais foi a epidemia da varíola, responsável pela morte de milhares de sertanejos no período de seca que se estendeu de 1877 a 1879. Para Teófilo (1997, p. 5), "a varíola é a companheira inseparavel das secas e estas são por sua vez o mal congenito da terra cearense".

Com uma mudança crônica na geografia social, que afetou tanto o sertão quanto a capital, esse fenômeno representou um abalo no progresso urbano local, contrastando a riqueza econômica em ascensão com a devastação da fome dos desvalidos. A partir da seca, o Estado estruturou uma "política da seca", controlando os corpos e transportando aqueles que representavam uma ameaça aos "poderes tradicionais". (Monzón Montebello; Silva, 2018, p. 66).

> A presença destes pobres, famintos e doentes, no mais grave estágio em que ainda é possível sobreviver, exigiu uma imediata e radical mudança nos costumes e comportamentos, nos hábitos pessoais e cotidianos e, especialmente, no uso social

> dos equipamentos urbanos, afetando profundamente a vida dos habitantes da capital. (Neves, 2005, p. 114).

Assim, a ferramenta que objetivava a distribuição de socorros públicos e o controle sanitário daqueles que vinham a Fortaleza em busca de ajuda tornou-se um instrumento de controle social. Ao impedir a livre circulação dos flagelados pela capital, o governo mantinha, de certa maneira, a posição de cidade progresso.

Conclusões

O estudo investiga a seca ocorrida no Ceará em 1877-1879, a partir das reconfigurações demográficas e sociais ocorridas no Ceará oitocentista, com ênfase na relação entre o sertão e a capital. A partir dessa compreensão, analisam-se os efeitos da estiagem no âmbito social e nas relações de manutenção de poder. A pesquisa identifica o deslocamento em massa dos flagelados para a capital cearense como aspecto essencial da reorganização populacional da província, bem como das políticas públicas desenvolvidas à época com o objetivo de controlar os corpos considerados indesejados e substituíveis.

O artigo observa que o êxodo massivo e forçado intensifica o crescimento urbano da capital, que possuía um contingente populacional ainda reduzido, e altera de maneira significativa sua dinâmica social, territorial e política. A análise demonstra que o Estado implementa mecanismos de controle, assistência e confinamento da população retirante, sob a forma de assistencialismo público.

Os resultados revelam que a seca produz impactos que ultrapassam as barreiras climáticas e provocam reconfigurações políticas, sanitárias e econômicas. O trabalho confirma que a crise hídrica iniciada em 1877 expõe desigualdades estruturais e redefine as formas de gestão da miséria. A investigação conclui que esse período histórico estabelece novas relações entre o sertanejo e o citadino, marcadas por tensões e estratégias de controle e de sobrevivência. O artigo reafirma que a seca de 1877-1879 constitui um marco decisivo na história social e demográfica do Ceará e na forma como o governo desenvolve as políticas de assistência aos mais vulneráveis.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de; LOGATTO, Rosângela. Imagens da seca de 1877-78 no Ceará: uma contribuição para o conhecimento das origens do fotojornalismo na imprensa brasileira. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 114, p. 71–83, 1996. Disponível em: https://antigo.bn.gov.br/producao/publicacoes/anais-biblioteca-nacional-vol114. Acesso em: 8 fev. 2026.

BARBALHO, Alexandre. Corpos e mentes dilacerados: o grotesco nas imagens da seca de 1877. *Trajetos: Revista de História da UFC*, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 139–150, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19985/1/2005_art_barbalhoa.pdf. Acesso em: 8 fev. 2026.

BEZERRA, Adriano Rodrigues. *Os currais da fome e o campo de concentração do Açude Patu*. Senador Pompeu-CE: Editora UNISV, 2021.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 48–58.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

MONZÓN MONTEBELLO, Natalia; SILVA, Marcílio Medeiros. Retirantes flagelados no Ceará-da-seca: (bio)políticas populacionais na consolidação do Estado Moderno. *Conhecer: debate entre o público e o privado*, Fortaleza, v. 8, n. 21, p. 60–77, 2018. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/1058. Acesso em: 8 fev. 2026.

NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

_____. Curral dos bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 93–122, 1995.

_____. Estranhos na Belle Époque: a multidão como sujeito político (Fortaleza, 1877–1915). *Trajetos: Revista de História UFC*, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 113–138, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/19993. Acesso em: 24 fev. 2026.

O RETIRANTE: Orgam das Victimas da secca. Fortaleza, n. 2, 1 jul. 1877, p. 1. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=770558&Pesq=palho%C3%A7as&pagfis=1. Acesso em: 4 fev. 2026.

PÁGINAS tristes. Scenas e aspectos do Ceará (Para S. Magestade, o Sr. Governo e os Srs. Fornecedores verem). *O Besouro: folha illustrada, humoristica e satyrica*, Rio de Janeiro, 20 jul. 1878, p. 121–130. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749915&pagfis=185. Acesso em: 5 fev. 2026.

SOUZA, Francisco Isaque Bezerra de. *A "vida era de misérias, humilhações e doenças": as representações da seca e ciência na obra A Fome, de Rodolfo Teófilo (1890), a partir da perspectiva da história da literatura global*. 2025. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Ceará, Iguatu, 2025. Disponível em: http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=122750. Acesso em: 2 fev. 2026.

TEÓFILO, Rodolfo. *História da secca do Ceará (1877-1879)*. Rio de Janeiro: Impressa Ingleza, 1922.

THEÓPHILO, Rodolpho. *História da Secca do Ceará (1877 a 1880)*. Fortaleza: Typ. do Libertador, 1883.

_____. *Varíola e vacinação no Ceará* [1904]. Edição fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.